

A PROFISSIONALIZAÇÃO DO FOOTBALL EM BELO HORIZONTE NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930

Rodrigo Caldeira Bagni Moura

RESUMO

O objetivo central deste artigo é compreender o Futebol nas suas múltiplas expressões em Belo Horizonte nas décadas de 1920 e 1930, quando com o advento do profissionalismo essa modalidade esportiva organizou-se de outras formas e os jogadores que destacavam-se passaram a receber vantagens e incentivos financeiros para jogar. É importante também entender como a diversão, a partir do futebol, acontecia em Belo Horizonte, quais as representações presentes nas décadas de 1920 e 1930 e como a transição do amadorismo para o profissionalismo impactou as experiências dos diversos sujeitos envolvidos com esse esporte.

Futebol, profissionalismo, Belo Horizonte

ABSTRACT

The central goal of this article is to understand football in its multiple expressions in Belo Horizonte in the 1920's and 1930's, when the coming of the professionalism, this sporting modality has organized itself in other ways and the players who excelled started getting advantages and financial incentives to play. It is also important to understand on how diversion from football happened in Belo Horizonte, which representations were presented in 1920's and 1930's and how the transitions from amateurism to professionalism caused impacts no the experience of several individuals involved in this sport.

Football, professionalism, Belo Horizonte

RESUMEN

El objetivo central de este artículo es comprender el Fútbol en sus diversas expresiones en Belo Horizonte en las décadas de 1920 y 1930, momento con el cual la llegada de la profesionalización, esa modalidad deportiva se organizó de otras formas, y los jugadores que sobresalían pasaron a recibir ventajas y incentivos financieros para jugar. También es importante entender como la diversión, a partir del fútbol, ocurría en Belo Horizonte y como era vivir de este deporte, cuales son las representaciones presentes en las décadas mencionadas y como la transición hasta el profesionalismo impactó las experiencias de los diversos sujetos envueltos con el fútbol

Fútbol, profesionalización, Belo Horizonte.

O PROFISSIONALISMO NO FOOTBALL

Os caminhos da pesquisa, que por ora nos encantam e surpreendem, levam a construção das tramas a partir das perguntas que elaboramos, das experiências que temos e dos nossos interesses de estudo. Na definição do objeto a ser investigado uma frase foi definitiva para a consolidação dos rumos que a pesquisa, e conseqüentemente, a narrativa legitimaram, que é a seguinte afirmação: pensar o objeto historicamente é pensar algo no seu processo de mudança. Sendo assim, o período estudado pode ser entendido como um dos mais fecundos na historiografia do futebol brasileiro, embora ainda pouco explorado.

Esse trabalho é fruto de minhas investigações no mestrado e que ainda encontra-se em andamento. Interessa-me no presente momento compreender as representações em torno do profissionalismo no futebol no Rio de Janeiro e em Belo Horizonte.

Para CHARTIER, dentro das possíveis acepções, “a representação é instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma imagem capaz de o reconstituir em memória e de o figurar tal como ele é”. Na consolidação do futebol pelo mundo, e mais especificamente no Brasil, os símbolos, os códigos e as imagens que foram construídas em torno do esporte, das equipes e dos jogadores funcionam como uma representação dos mesmos, como destaca o autor.

O desafio, no entanto, para CHARTIER é: “como que uma configuração narrativa pode corresponder a uma refiguração da própria experiência”. Desafio imposto para a história cultural, e para todos os que assumem os riscos de tentar captar as experiências de um outro tempo, e traduzi-las para o papel na sua versão, que o pesquisador supõe ser a verídica, ou a verdade do historiador.

Ao estudar a história do futebol, levando em consideração as experiências dos sujeitos nos momentos de diversão, pretendo compreender que apropriações foram feitas e que representações estavam presentes em torno do futebol em Belo Horizonte na transição para o profissionalismo.

O profissionalismo, no Futebol brasileiro, aconteceu de uma forma lenta, permeada de contradições, precariedades, favorecimentos e permanências. Analisar as inter-relações entre trabalho e diversão, a partir do futebol em Belo Horizonte, nas décadas de 1920 e 1930, poderá nos ajudar a compreender um pouco mais desse esporte tão envolvente¹.

Para reconstruir o projeto tive que compreender as representações que construí em torno do futebol. Uma delas era que o futebol, antes de 1933, constituía-se em diversão para toda a população, que passou a interessar-se por práticas que eram consideradas modernas, como o esporte². PESAVENTO (2005), explica que:

¹ Com o profissionalismo o futebol se torna trabalho para uma parcela dos jogadores.

² Utilizo como inspiração a compreensão de Esporte de Melo (2001). Segundo o autor: “o esporte será entendido como um campo relativamente autônomo, com uma lógica interna específica que não pode ser reduzida a explicações de caráter econômico e social”.

“As representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade” (p.39).

No livro “O negro no Futebol brasileiro”, de Mário Filho, o autor relata que o Futebol Italiano no final da década de 1920, e na década de 1930, começou a importar muitos jogadores da Argentina, do Uruguai e do Brasil. O êxodo dos craques desses países começou a preocupar, principalmente, os argentinos, que tinham nomes Italianos, e, assim, ficava mais fácil a inserção dos jogadores neste país: “Os grandes clubes de Buenos Aires se assustaram, todos eles tinham jogadores com nomes Italianos. Se aquilo continuasse, o que seria do futebol argentino? Só havia um remédio: o profissionalismo” (p.182).

Para Mário Filho (p.182), com a implantação do profissionalismo em Buenos Aires começou a busca de jogadores no Uruguai, pois muitos craques argentinos foram jogar na Itália, sendo necessário buscar novos craques em outros países; Montevideú, pela proximidade com Buenos Aires, foi o primeiro local que os argentinos buscaram novos jogadores, pois não tinha jeito de competir com a Itália e repatriar os craques argentinos que foram ganhar dinheiro na Europa.

De acordo com Mário Filho, o Brasil também começou a ser alvo dos clubes no exterior que queriam os nossos craques como revela o trecho a seguir:

“A onda do profissionalismo veio se alastrando, aproximando-se do Rio, de São Paulo. Os jornais, todos os dias traziam uma notícia: tal clube italiano pretendia tal jogador brasileiro. Às vezes não pretendia, era o jogador que dizia para assustar o clube. O clube assustando-se afrouxaria os cordões da bolsa.” (p.182)

Segundo Mário Filho, no Brasil, o preconceito contra os jogadores negros e pobres era explícito. Muitos clubes não permitiam jogadores negros e nem mulatos nas suas equipes. O que acirrava ainda mais a competição, pois alguns clubes, aos poucos, começaram a receber jogadores negros e mulatos que faziam a diferença em campo³.

Leonardo Pereira (2000), afirma que no Rio de Janeiro existia antes de 1933, o que era chamado de profissionalismo marrom⁴, que mascarava a remuneração dos jogadores. Um dos grandes argumentos para mudar as relações estabelecidas com os jogadores era que “A regulamentação do profissionalismo aparecia, nesse contexto, como uma solução perfeita para essa crescente tensão racial” (PEREIRA, 2000, p.325). Parecia, naquele momento, que todos seriam beneficiados com a mudança no regime de contratação, nas

³ Para SOARES (1999), independente da perspectiva sociológica, histórica ou antropológica, o livro “O Negro no Futebol brasileiro funciona como história mítica que vai sendo atualizada adequando-se às demandas de construção de identidade e/ou às denúncias anti-racistas”.

⁴ CALDAS (1990) traz no seu livro outras expressões que foram utilizadas para denominar esse período como: “falso amadorismo” (Paulo Várzea), “profissionalismo marrom” (Max Valentim), “velhacarias do nosso futebol” (Arthur Friedenreich), “amadorismo de tapeação” (Júlio de Moraes), etc.

possíveis negociações de jogadores, especialmente para o exterior e na permanência dos jogadores nos clubes.

Os presidentes de clubes como o Botafogo, o Vasco e o próprio Fluminense pareciam cientes, já em 1932, da importância para a vitalidade dos próprios clubs. Ainda que encontrassem resistências de peso, como o próprio presidente da Associação Metropolitana, os argumentos em favor da mudança de regime pareciam ir-se firmando entre as lideranças esportivas da cidade. “A questão de cor não existirá no fluminense com a implantação do novo regime” explicava um diretor do Fluminense entrevistado em 1933 por Mário Filho, explicitando a lógica que via nessa mudança. Em Janeiro de 1933, o Fluminense, o Vasco, o Bangu e o América constituem assim a primeira entidade esportiva profissional da cidade – a Liga Carioca de Foot-ball”. (p.326)

O Futebol, no início da década de 1930, começava a significar para alguns jogadores pobres, principalmente negros, aqui no Brasil, uma possibilidade de ascensão social e de melhorias das condições de vida. Para alguns clubes era, também, a saída na tentativa de conseguir melhores resultados, títulos e reconhecimento. Independente da condição do jogador, o que importava nessa nova fase do futebol no Brasil era cumprir os objetivos de vencer e ser o melhor na disputa com outras equipes, como revela Mário Filho na citação a seguir:

“O Fluminense, cansado de perder campeonatos, tornou-se um pioneiro de profissionalismo. Com o profissionalismo, ele lutaria em igualdade de condições com os outros clubes. Não perderia mais jogadores (...). E poderia formar um grande time, capaz de levantar campeonatos, indo buscar jogadores nos clubes pequenos, nos subúrbios, nos Estados, fosse onde fosse, brancos, mulatos e pretos” (p.193).

No entanto, se o profissionalismo era exaltado por alguns no Rio de Janeiro, não demoraram também a surgir as críticas, principalmente da imprensa, que argumentava que da forma como aconteceu o movimento de profissionalização não passava de um negócio como outro qualquer, e comparavam os jogadores com os cavalos nos quais se apostava. Segundo PEREIRA (2000), “O futebol profissional teria criado uma nova indústria: o leilão de cracks, vendidos e comprados como uma mercadoria qualquer”.

Porém, para os jogadores brancos das famílias tradicionais no Rio de Janeiro, ser jogador profissional de Futebol na década de 1930 não era um símbolo de distinção. Como revela Mário Filho:

“O jogador branco, de boa família, não tinha medo só de se tornar profissional, tinha vergonha também. O medo era de perder aquela vida gostosa de amador. O jogador mandando no clube, jogando a pedido, todo mundo atrás dele, jogue, jogue, e ele se fazendo de rogado. Acabava entrando em campo, sacrificando-se mais uma vez” (p.196).

Podemos notar que a passagem do amadorismo para o profissionalismo representou uma mudança profunda na forma de encarar o Futebol. Diversas representações foram disseminadas em vários grupos que começaram a se posicionar de formas diferentes. Os jogadores, “de boa família”, como Mário Filho se refere na citação anterior, eram os rapazes da elite, que estudavam em bons colégios e se recusavam a assinarem contratos e a se tornarem profissionais, pois “O jogador branco de boa família, tinha medo de não ser respeitado, de virar um Jaguaré” (p.196)⁵.

As representações presentes e as expressões utilizadas deixam transparecer os preconceitos e o imaginário de uma época, de uma parcela privilegiada da população, pois considerar alguns jovens e rotulá-los como de “boa família” significava atribuir aos outros jovens estereótipos negativos, jovens de “famílias ruins”. O que determinava o adjetivo bom ou ruim era a condição de nascimento, nascer em uma família tradicional ou que ocupava posição de destaque na sociedade.

Todo esse processo, que aconteceu no Rio de Janeiro, culminou com a organização dos campeonatos de Futebol profissional. Apesar da data de institucionalização do profissionalismo no Brasil ser 1933, esse movimento não aconteceu da mesma forma nos diversos estados brasileiros.

Em Belo Horizonte é necessário conhecer o que aconteceu nesse período de transição para o profissionalismo, para compreender como aconteceram as tramas, as permanências, as aceitações e as resistências.

O PROFISSIONALISMO NO FOOTBALL EM BELO HORIZONTE

Mesmo com toda intenção de ser moderna, a cidade estava muito longe de ser considerada dessa forma, como expressa a reportagem na Revista Bello Horizonte, de 9 de Novembro de 1933, intitulada “Cidade do Tédio: as diversões de Bello Horizonte⁶”:

“Bello Horizonte é denominada com razão, a cidade do Tédio.

Pobre de diversões, a cidade, à noite, é um enorme amontoado de casas adormecidas, sobre ruas desertas e sombrias.

Temos como única diversão o cinema, que não passa de um monopólio revoltante, onde tudo é levado em conta, menos o interesse do publico, que é escorchado impiedosamente”.

É curioso observar que a reportagem é de 1933, quase 4 décadas da idealização e construção da nova capital, e que os hábitos provincianos dessa população não eram compatíveis com a modernidade que era idealizada. Contudo, o esporte, e mais especificamente o futebol encontrava-se em processo de consolidação em Belo Horizonte nas décadas de 1920 e 1930, como expressa a seguinte reportagem intitulada “Bello Horizonte” esportiva:

“O bellorizontino, esportivo por excellencia, vibra sempre com as boas partidas de football. Podemos sem receio de um exagero,

⁵ O livro O Negro no Futebol Brasileiro, de Mário Filho, pode ajudar a compreender melhor o Futebol e a sociedade da época.

⁶ Revista Bello Horizonte, Anno I, p. 22, coleção 63; 9 de Novembro de 1933. Arquivo Público Mineiro.

qualificar os habitantes desta terra como os maiores admiradores do esporte Bretão⁷”.

Muitos interesses já estavam presentes no esporte nesse momento de transição do amadorismo para o profissionalismo. Apesar de tantas formas de se vivenciar o futebol nesse período, essa prática era, também, uma diversão para os sujeitos que jogavam e se envolviam com essa modalidade desde a infância, como brincadeira. Muitas atividades, no início do século XX faziam parte do rol de diversões do povo de Belo Horizonte como o teatro, o footing, a patinação que acontecia na Praça da Liberdade, o cinema, ou outros esportes que eram vistos como hábitos modernos. Contudo, o futebol se destacou de outras atividades, pois começou a atrair muitas pessoas, seja para jogar ou assistir aos jogos, para se divertir ou tirar algum proveito material ou financeiro, no caso do chamado amadorismo marrom⁸, seja com o objetivo de se relacionar afetivamente ou de competir; seja para se apropriar da cidade como um lugar, seja para descobrir o novo. Seja para disseminar novos padrões de conduta ou para formar opinião, no caso do jornal Minas Geraes, órgão oficial do estado, e de algumas revistas, como a Revista Bello Horizonte.

Na passagem acima, da Revista Bello Horizonte, periódico destinado à elite da capital mineira, fica explícita uma tentativa de promover o povo de Belo Horizonte como esportista, atividade considerada saudável, e adequada ao espaço urbano e as grandes metrópoles. A expressão, “o bellorizontino esportivo por excellencia”, revela muito mais do que a princípio poderíamos interpretar. Da mesma forma, qualificar os habitantes de Belo Horizonte como os maiores admiradores do esporte Bretão é sem sombras de dúvidas um grande exagero. Outros povos, nesse momento, tinham uma relação histórica mais consistente e duradoura com o futebol. No entanto, essa representação, mesmo com todo caráter de querer forjar um interesse muito superior ao que realmente existia, não deixa de traduzir o significado que começava a surgir por aqui pelo esporte, e, principalmente, pelo futebol.

No Minas Geraes, que é o jornal oficial do estado, de 30 de Julho e de 31 de Julho de 1931, temos duas matérias que se constituem exemplos claros de como a imprensa teve papel central como formadora de opinião. A tradicionalíssima sociedade mineira não podia aceitar passivamente a profissionalização, e, dessa forma, muitos argumentos foram utilizados aumentando, sobremaneira, as peculiaridades da transição do amadorismo para o profissionalismo no futebol em Belo Horizonte.

A matéria do jornal se refere ao ingresso de alguns jogadores de Uberaba no time do Vila Nova. “Há meses, o club do sr. Castor Cifuentes admitiu em seu seio alguns jogadores uberabenses e, como é natural, proporcionou-lhes colocação de acordo com a capacidade de trabalho de cada um”. A palavra “natural” expressa toda a visão arraigada na sociedade, da moral burguesa do trabalho.

⁷ Revista Bello Horizonte, 19 de Agosto de 1933, p.16.

⁸ O marco da profissionalização do Futebol no Brasil é o ano de 1933. Antes desse período alguns jogadores começaram a receber favores, dinheiro ou regalias diversas e esse período ficou conhecido como amadorismo marrom.

É importante observar que nesse período do amadorismo marrom os clubes davam um emprego de fachada para os jogadores, que tinham todas as regalias, e, muitas vezes, não trabalhavam e só se dedicavam ao futebol, é o que aconteceu, principalmente, no Rio de Janeiro e em São Paulo.

No entanto, por aqui, a conservadora sociedade mineira relutava em aceitar os primeiros ventos do profissionalismo.

“O Vila Nova, em vista desse estado especial inaugurado pelos seus novos elementos, resolveu, o que merece rasgados elogios, colocar o seu bom nome acima de qualquer interesse particular e declarou claramente os footballers faltosos a incompatibilidade que havia entre eles e as honrosas tradições esportivas do club. De tal franqueza resultou a saída dos jogadores implicados na questão”.

Num primeiro momento o autor da matéria parece defender o amadorismo, mas em seguida ele se posiciona a favor do combate ao “falso amadorismo ou o profissionalismo oficializado”, pois, segundo os argumentos apresentados, os jogadores de futebol se manifestavam favoráveis ao profissionalismo às claras.

“Porque há aqui muitos players que recebem favores compensativos de seu esforço, sem que, entretanto, sejam estipulados deveres recíprocos entre eles e o club que defendem”.

Surpreendentemente, o autor da matéria, se posiciona defendendo o jogador de futebol, pois segundo o mesmo: “enquanto o jogador está apto para jogar ele é acarinhado monetária e moralmente, mas se se inutilizam em campo as coisas mudam e o antigo prestígio vai diminuindo gradativamente”.

No dia seguinte, 31 de Julho de 1931, a matéria do Minas Gerais faz referência ao profissionalismo oficializado como um assunto largamente discutido nos centros esportivos mais adiantados do país. Podemos suspeitar que a crônica faz menção ao Rio de Janeiro e a São Paulo, pois nessas capitais os jogadores de futebol começavam a se organizar. O autor da matéria sai de início em defesa do profissionalismo oficializado a maneira do uruguaio e do italiano, pois “só poderá concorrer para consolidar ainda mais o foot-ball nacional, além das conveniências que trará ao seu aperfeiçoamento técnico”. Para em seguida começar a apontar, com argumentos mais fortes, as sérias dificuldades enfrentadas por países como a Inglaterra, onde os clubes não conseguem manter os onerosíssimos gastos a que estão sujeitos, para a manutenção dos jogadores, e que não podem sustentar intercâmbios esportivos com os países vizinhos, ficando limitados aos campeonatos internos que se tornam monótonos e desinteressantes. Até chegar na inviabilidade, que o mesmo enxerga, no profissionalismo no Futebol no Brasil, “torna-se impraticável pela exigüidade de capitalistas envolvidos nas cousas do football”.

Ainda segundo o cronista, outro fato que impossibilita o profissionalismo no football em Belo Horizonte é que: “Os nossos clubs mal conseguem construir um stadium e conserva-lo sem atavios de luxo, porque vivem á custa de parcas mensalidades e de problemáticos saldos de festivais que, ás vezes, promovem”.

Os motivos apresentados pelos cronistas são importantes e devem ser levados em consideração. No entanto, são empecilhos que esbarram nos aspectos econômicos, que se por um lado, não podem ser deixados de lado, por outro são mais fáceis de serem resolvidos que os aspectos culturais que estão no cerne dos costumes, da moral do trabalho, do conservadorismo da elite e de setores inflexíveis da sociedade que não podiam admitir que os jovens não adquirissem o gosto pelo trabalho convencional.

O autor da matéria apresenta como única solução para a implantação do profissionalismo, e para manter jogadores com honorários estipulados em contratos, seria “transformar as partidas em jogos de apostas, onde o espectador aventura a sorte... Doutra maneira, é impossível implantar em nosso meio o que os clubs italianos têm feito com tanta prodigalidade”. É preciso compreender que o jogo de apostas era combatido por diversos setores da sociedade mineira, e assim colocando como única possibilidade o jogo de azar, o profissionalismo no football passa a ser combatido pelos setores mais fortes e tradicionais da sociedade.

No ano da implantação do profissionalismo no Brasil, uma matéria no Minas Geraes de 5 de Março de 1933, intitulada “o profissionalismo no football”, expõe a situação em Belo Horizonte:

“Como o nosso meridiano esportivo passa pelo Rio, tudo o que lá se esboça ou se realiza, reflete-se em Belo-Horizonte. Alguns jornais daqui já têm também martelado a questão do profissionalismo. Sem resultado, está claro. O profissionalismo no football é uma planta que medra atualmente no ambiente das nossas montanhas. Quando muito, flor de estufa, que, se apresenta algum colorido atraente, é por efeito de artifício. Deixam-na ao relento, vivendo á custa do seu próprio poder de nutrição, e morrerá. Vocações manifestas para o profissionalismo não faltam. Um prazer assoldadado é prazer maior. Isso ninguém o nega. Mas, a moda do profissionalismo é o ouro. E este – a despeito da nossa vizinhança com Morro Velho - está escasso nos meios esportivos da Capital. Francamente, os nossos grandes clubs não suportam outras despesas a mais das que os sobrecarregam no momento. Profissionalizar os seus atuais amadores, é lavrar o seu atestado de óbito. Não. Não há dúvida. O profissionalismo em Minas é uma planta exótica”. G.G.M.

Podemos perceber acima a influência do Rio de Janeiro, como outros estudiosos já apontaram, pois a modernidade por aqui era inspirada aos moldes dos hábitos cariocas, que por sua vez eram inspirados em grandes capitais européias como Paris.

Nesse sentido PESAVENTO (2002), afirma que a sedução por Paris, no caso do Rio de Janeiro, “obedece à captação de uma coerência de sentido, no qual a adoção do modelo parisiense é sintoma da modernidade desejada e representa a possibilidade de assumir um padrão identitário que, metonimicamente, passa da cidade para o país”.

Dessa forma, podemos estender a influência de Paris à Belo Horizonte, ainda mais se levarmos em consideração o que PESAVENTO (2002) chamou de metaforização do social, processo que, segundo a referida autora, “implica a

desterritorialização / historicização de ações e discursos que, ao se deslocarem no tempo e no espaço, assumem novos significados”.

Fica explícito, também, a tentativa da imprensa de formar opiniões, e perpetuar os princípios e valores tradicionais e conservadores da sociedade mineira e belo-horizontina.

Alguns fatos curiosos, no futebol em Minas Gerais, surpreendem por serem inusitados. Em Nova Lima, segundo SILVA (2007), que escreveu sua dissertação de mestrado sobre o Villa Nova, um dos primeiros times a se tornar profissional foi o Retiro em 1933, contudo esse time “encerrou suas atividades profissionais após 1934 voltando-se para o esporte amador”. Enquanto, no Brasil inteiro, os clubes se esforçavam para se adequar ao novo regime, um time do interior de Minas resolve fazer o percurso inverso, pois ao conquistar a profissionalização decide retroceder assumindo o futebol amador como condição de sobrevivência do clube, já que para manter uma equipe profissional um clube necessitava de muitos recursos.

Enquanto o Retiro decidia assumir seu posto no futebol amador, o Villa Nova sagrou-se campeão mineiro de 1933, 1934 e 1935. Segundo Jairo Gomes, entrevistado por SILVA (2007), o Villa foi o pioneiro nos intercâmbios esportivos com equipes de outros estados e de acordo com o entrevistado:

“Também é responsável por ter fornecido os primeiros jogadores de Minas Gerais para outros centros do país no final da década de 1920, como Salinas e Zé de Deus. Esses personagens trocaram Nova Lima por São Paulo, naquele profissionalismo marrom ou falso amadorismo que reinava na Paulicéia, em busca de uma remuneração melhor. Esses foram os primeiros jogadores a se desligarem da empresa e buscar outros caminhos profissionais” (p.55).

Não se pode questionar, pelo que foi visto até agora, a importância de Nova Lima e de seus clubes, para acelerar a profissionalização do futebol em Belo Horizonte. Uma das possíveis justificativas para o avanço em Nova Lima é a influência inglesa nas primeiras cinco décadas da república, pois os operários, nesse período, eram obrigados a se filiar ao clube futebolístico da empresa Saint John d’EL Rey Mining Company (SILVA, 2007).

As matérias vinculadas na revista Bello Horizonte, em 31 de Agosto de 1933 e em 7 de Outubro de 1933, intituladas respectivamente “O prélio que a cidade assistirá domingo” e “Bello Horizonte X Juiz de Fora”, já explicitava de forma clara em que patamar o futebol em Belo Horizonte deveria se enquadrar de acordo com a imprensa, entretanto, no trabalho inicial com as fontes percebemos que essa relação profissional almejada estava muito longe de ser concretizada.

O prélio que a cidade vai assistir domingo:

“Mas como o Athletico havia solicitado permissão para enfrentar o quadro carioca, resolvera o departamento tecnico da Associação Mineira de Esportes adiar a partida para o primeiro domingo após do turno do campeonato PROFISIONAL.”

“Bello Horizonte X Juiz de Fora

O America jogará amanhã com o Tupynambás
Mais uma partida de futebol a cidade assistirá amanhã, em prosseguimento do campeonato PROFÍSSIONAL de Minas”.

O profissionalismo começava a ser citado em Belo Horizonte em 1933. Temos que questionar, contudo, que profissionalismo era esse? Quais eram as vantagens que os referidos jogadores tinham? Será que eles recebiam já um salário para jogar futebol em Belo Horizonte? Será que todos recebiam ou só os mais aptos?

Com a lenta afirmação do profissionalismo os negócios envolvendo os clubes começaram a ser efetivados. Belo Horizonte passa a perder seus melhores jogadores para os clubes cariocas como revela a matéria, de 1937, intitulada “O Crack Peracio”, escrita por Alcides Curtiss de Lima e destinada à Bello Horizonte.

“Há tempos, escrevi sobre a impossibilidade de um accordo no esporte. No entanto, fui derrotado. A pacificação veio, quando menos se esperava. E Minas está soffrendo, com o advento da paz, que não deveria soffrer. Os clubs cariocas que, em consequência do dissídio, se viram com seus quadros pitimbados, se iniciam agora uma ofensiva tremenda contra os grêmios mineiros, arrancando-lhes, á força de quantias elevadas, os seus melhores jogadores. O que possuimos de bom, em nossos gramados, está desaparecendo aos poucos.

Peracio foi o primeiro dos nossos grandes cracks a se transferir para o Rio. Este, como os outros, deixou uma lacuna imprehensível. E, por falar em Peracio, lembro-me de um menino franzino, muito esperto, que vivia mais na rua do que em sua própria casa. Este menino que tanto incomodava os vizinhos é o famoso crack que o Botafogo contractou por 60 contos de réis. Nas ruas e nas chácaras do bairro de Carlos Prates, quem não se recorda de Peracio? (...)

Coisas do destino... Aquelle menino que attendia pela alcunha de “Bocca de Fogo”, desde pequeno soube jogar Football. Inevitavelmente, teria que vir a ser um dos maiores “azes” do football brasileiro. E justamente na posição que actuava o seu jogador precdileto, Mario de Castro, Peracio consagrou-se como o maior meia esquerda do Brasil. Aquelle menino que tantas vidraças quebrou e que muitas vezes foi apanhado nas chácaras de Carlos Prates, nunca imaginara que algum dia viesse a ocupar as columnas dos jornaes, e ver o seu retrato e o seu nome pronunciado por todos os cantos do Brasil, como sendo um dos maiores jogadores de Football; e muito menos que iria custar 60 contos de réis ao Club que pleiteasse o seu concurso.

Peracio cresceu physicamente e como jogador de football. Hoje, o meu antigo companheiro de infância é o ídolo dos estádios. Entrou na “vaga” de Mario de Castro, o “Crack” que elle, em creança, tanto applaudiu.

(Revista Bello Horizonte, Arquivo Público Mineiro)

A matéria anterior da Revista Bello Horizonte nos mostra como, a partir da profissionalização no Futebol, a ascensão social de jovens de bairros periféricos passa a se tornar possível. No entanto, nas fontes encontradas até o presente momento, Bello Horizonte na década de 30 perdia os seus jogadores para os grandes centros, pois os clubes na capital mineira não tinham como pagar os mesmos valores para os atletas.

Se o profissionalismo no Rio de Janeiro foi chamado de profissionalismo marrom, porque ainda estava permeado pelo amadorismo e não estava totalmente configurado, em Belo Horizonte, no mesmo período, falaremos de profissionalismo “transparente”, pois estávamos muito distantes de uma relação profissional no futebol, apesar dos jornais e revistas usarem o termo futebol profissional.

Na fonte abaixo, o autor da crônica revela suas experiências com o Futebol. Para BENJAMIN, “o cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade do que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história”.

O onze Tebano ou uma fotografia de 1918⁹

“Aí tendes, nessa fotografia, um pouco esmaecida, o único team para o qual já torci furiosamente. Depois disso, se não me engano, compareci a uma partida entre o Atlético e o Sud América (Mário, Said e Jairo), mas não senti, diante destes, a mesma emoção com que o onze distrital me encheu alguns dias da meninice. Aliás. Já não havia a proibição paterna, creio eu, tornava deliciosas as minhas tarde tebanas (em Tebas de Leopoldina, a duas léguas da estrada de ferro, na aba de um morro pensativo). Proibido de jogar a bola com a meninada, eu cedia. Mas, anunciada com o foguetório do estilo uma peleja inter-distrital, eu sempre encontrava um jeito de burlar a vigilância do pessoal de casa. Eram partidas notáveis, que valiam os meus sustos multiplicados por cem, e não raro terminavam em tiros autênticos. Os moços de Rio Pardo, o distrito vizinho, não tinham educação esportiva... Apesar de tudo, era um futebol ingênuo, despretenso, e divertia.

Em suma, aí tendes o team que eu amei às escondidas, sem compreender, entretanto, a sua grandeza moral. Porque em futebol, segundo o meu amigo Emilio Curtiss Lima, também há disso...”

De 1918 a 1934, muita coisa mudou no futebol. A narrativa acima pode ser reveladora, se levarmos em consideração que o autor da crônica enfrenta o desafio de tentar narrar o que ele viveu em 1918. Podemos destacar que nessa tarefa árdua de reconstituir o passado e rememorar o vivido muitas omissões e saudosismos são passíveis de serem dimensionados. A experiência de uma pessoa traduzida em palavras deve ser analisada com ressalvas. O autor da crônica se inspira, para escrevê-la, em uma fotografia de 1918. Aí pode estar um indício importante. A fotografia enquanto, uma tecnologia, uma técnica, ou,

⁹ Arquivo Público Mineiro. Revista Bello Horizonte. 5 de Julho de 1934.

uma arte de captar o momento, e a escrita partindo do que a fotografia nos revela.

Alguns trechos podem ser destacados, pois revelam a experiência do sujeito e a postura que o mesmo assumiu, como por exemplo: “o único team para o qual já torci furiosamente”. O adjetivo “furiosamente” nos dá a dimensão do que o futebol já representava para um jovem na sociedade belo-horizontina em 1918. O futebol da criança, a diversão a partir do futebol, os códigos e atitudes valorizadas, ou a educação esportiva preconizada.

Dessa forma é importante compreender as experiências dos sujeitos com o futebol, nesse momento, em Belo Horizonte. Mesmo reconhecendo que as elites tiveram uma contribuição importante na transmissão e consolidação do futebol na cidade, em diversos segmentos outros atores começaram a interessar-se por essa atividade.

Vários times começaram a ser fundados na periferia de Belo Horizonte como: o Fluminense do bairro da Lagoinha, o Carlos Prates, o Calafate, o Sete de Setembro, o Sírío, o Lusitano e o próprio Palestra Itália (COUTO, 2003). Muitos desses times surgiam a partir da vivência do futebol nas ruas, nos terrenos baldios, no momento de diversão e de prazer que o futebol possibilitava a todos.

Ao mesmo tempo, outras realidades e outras formas de se relacionar com o futebol permaneceram, como o futebol amador, a criança que se envolve com o jogo e a brincadeira do futebol, o árbitro, a torcida. Histórias de vencedores e protagonistas, mas também de vencidos e de anônimos e que compõem toda uma trama complexa, diversa e envolvente.

Carlos Drummond de Andrade, por exemplo, numa crônica intitulada “Enquanto os mineiros jogavam¹⁰” relata a sua perplexidade ao observar um grupo de torcedores que se aglomeravam na Avenida Afonso Pena e acompanhavam um jogo que acontecia no Rio de Janeiro.

“Domingo, à tarde, na forma do antigo costume, eu ia ver os bichos do Parque Municipal (cansado de lidar com gente nos outros dia da semana), quando avistei grande multidão parada na Avenida Afonso Pena. Meu primeiro pensamento foi continuar no bonde; o segundo foi descer e perguntar as causas da aglomeração. Desci, e soube que toda aquela gente estava acompanhando, pelo telefone, o jogo dos mineiros na capital do país. Onze mineiros batiam bola no Rio de Janeiro; dois mil mineiros escutavam, em Belo Horizonte, o eco longínquo dessa bola e experimentavam uma patriótica emoção. Quando chegou a notícia da vitória dos nossos patrícios, depois de encerrado o expediente, isto é, depois de ter terminado o segundo tempo, vi, claramente visto, chapéus de palha que subiam para o ar e não voltavam, adjetivos que se chocavam no espaço com explosões inglesas de entusiasmo, botões que se desprendiam dos paletós, lenços que palpitavam como asas, enquanto gargantas enrouqueciam e outras perdiam o dom humano da palavra. Vi tudo isso e tive, não sei se inveja, se admiração ou se espanto pelos valentes chutadores de Minas, que surraram por 4 a 3 os bravos futebolistas fluminenses.

¹⁰ Crônica datada de 20-21/07/1931.

Não posso atinar bem como uma bola, jogada à distância, alcance tanta repercussão no centro de Minas. Que um indivíduo se eletrize diante da bola e do jogador, quando este joga bem, é coisa de fácil compreensão. Mas contemplar pelo fio, a parábola que a esfera de couro traça no ar, o golpe do center-half investindo contra o zagueiro, a pegada soberba deste, e extasiar-se diante desses feitos, eis o que excede de muito a minha imaginação. Para mim, o melhor jogador do mundo, chutando fora do meu campo de visão, deixa-me frio e silencioso. Os meus patrícios, porém, rasgaram-se anteontem de gozo, imaginando os tiros de Nariz, e sentiram na espinha o frio clássico da emoção, quando o telefone anunciou que Carlos Brant, machucando-se no joelho, deixara o combate. Alguns pensaram em comprar iodo para o herói e outros gritavam para Carazzo que não chutasse fora. A centenas de quilômetros, eles assistiam ao jogo sem pagar entrada. E havia quem reclamasse contra o juiz, acusando-o de venal. Um sujeito puxou-me pelo paletó, indignado e declarou-me: o Sr. está vendo que pouca-vergonha. Aquela penalidade de Evaristo não foi marcada”. Eu olhei para os lados, à procura de Evaristo e da penalidade; vi apenas a multidão de cabeças e entusiasmos; e fugi”.

A experiência de Drummond, ao observar a cena, contrasta com o entusiasmo dos mineiros que acompanhavam a partida pelo telefone. Certamente, Drummond não entendia a paixão que o futebol despertava por não ser um aficionado por futebol. O que chama a atenção, no entanto, é como o futebol já era uma diversão consolidada no início da década de 1930, a ponto de paralisar as pessoas, extasiadas pelo jogo que ocorria tão distante, e que não podiam nem ao menos ver a partida.

Estas histórias podem representar toda a transformação exponencial desse período de transição em Belo Horizonte, como a dos jogadores do Palestra, Ninão e Nininho que foram para a Itália jogar futebol, antes mesmo da profissionalização do esporte no Brasil.

“Embarcaram, quinta feira, para o Rio, com destino á Itália, os jogadores Nininho e Ninão, do Palestra que passam a pertencer ao Lazio Foot Ball Club, de Roma. O embarque daquelles dois jogadores teve o comparecimento de grande número de amigos e de representantes das nossas associações sportivas¹¹

Interessa-nos compreender como o advento do profissionalismo impactou a experiência dos jogadores envolvidos, direta ou indiretamente, com essa prática, tanto os que foram para a Europa jogar futebol quanto os que ficaram por aqui e não tiveram estas oportunidades, bem como as experiências de outros personagens que não entravam em campo, mas também foram, de alguma forma, impactados por esse esporte, mas essas são questões para serem enfrentadas em outro momento...

Referências bibliográficas

¹¹ Minas Geraes, 4 de Abril de 1931.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.*- 7. ed. – São Paulo: Brasiliense, 1994.- (Obras escolhidas; v.1)

CALDAS, Waldenir. *O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro.* São Paulo: IBRASA, 1990.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações.* Difusão Editorial, LTDA. Lisboa, 1988.

MELO, Victor Andrade. *Cidade Esportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro.* Relume Dumará; Rio de Janeiro, 2001.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938.* Coleção Histórias do Brasil. Ed. Nova Fronteira, 2000.

PESAVENTO, Sandra J. *O Imaginário da cidade: visões literárias do urbano; Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre.* -2.ed.-Porto Alegre: Ed.Universidade/UFRGS,2002.

PESAVENTO, Sandra J. *História e História Cultural.* 2. ed. Ed. Autêntica, 2005.

RODRIGUES FILHO, Mário. *O Negro no Futebol Brasileiro.* (4 edição). Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

SOARES, Antônio Jorge. *História e invenção de tradições no campo do futebol.* Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 13, n 23, 1999, p.1-224.

SILVA, Daniela Alves da. *Cultura Operária: um estudo de caso do Villa Nova Atlético Clube.* Belo Horizonte: UFMG, 2007. (Dissertação de mestrado).

Mestrando em lazer pela UFMG, docente do curso de Educação Física da Fundação Helena Antipoff e membro do CEMEF/ UFMG